



DIVULGAÇÃO

Cena de *Enquanto estamos aqui*: pontuações que valorizam a individualidade dos personagens

A estrada acidentada do amor

Quem acompanha obras dos colaborativos diretores Clarissa Campolina e Luiz Pretti, entre as quais o curta *Trecho* (2006) e o longa *Estrada para Ythaca* (2010), sabe do pendor de investirem num cinema repleto de pontuações que valorizam a individualidade dos personagens, a intimidade e a propensão de seguirem em movimento, ainda que numa dinâmica que nem sempre os agrada.

Aos moldes de confissão e intimidade percebidos no longa *Viajo*

porque preciso, volto porque te amo (assinado por Karim Aïnouz e Marcelo Gomes), *Enquanto estamos aqui* é elaborado. Trata, fundamentalmente, de dois seres à deriva, porém encorajados nas batalhas de um mundo afeito à globalização. Praticamente, ambos se restringem a vozes (alternam-se vários narradores, entre os quais Grace Passô e Marcelo Souza e Silva): Lamis é sírio-libanesa e Wilson

traz na bagagem fardos e alegrias de ser brasileiro. O novo, no encontro numa Nova York nem sempre receptiva, se descortina para os imigrantes. Curiosamente, o filme tem entre os narradores Fernando Alves Pinto, visto em *Terra estrangeira*, clássico nacional que também especulava em cima de um Brasil desencantado.

Trilhando conteúdo por vezes, filosófico, e, noutra medida, corriqueiro, o filme não

tem propriamente diálogos, tudo se passa na desordenação dos pensamentos dos personagens e no fluxo de seus dramas, bastante descritos em cartas. Com isso, despontam desilusões; opressão; apego (mútuo), mas em conjuntura de frágil; enlace amoroso; e muitos respiros e dores das raízes bastante alinhados às infâncias de Lamis e Wilson. Pesa, por fim, a dinâmica incerta de almas que se ajustam à condição de serem miúdas, mas persistentes, por conquistarem algo de felicidade.